

**Deponente:** José Francisco Neres

**Entrevistador:** Helena Maria Penna Amorim Pereira, Thelma Yanagisawa Shimomura.

**Data:** 17 de setembro de 2014

**INTERLOCUTOR:** Bom dia! José Francisco Neres, nosso deponente de hoje, hoje 17 de setembro de 2014, aqui na Comissão da Verdade em Minas Gerais com sede na Rua Espírito Santo, 495, sétimo andar, ouviremos o depoimento, especialmente sobre o caso do militante Nestor Vera, desaparecido político. Por favor Neres...

**JOSÉ FRANCISCO:** ...Nos anos '70, em torno assim de '74, que nós estávamos atravessando uma fase, inclusive de processo eleitoral em que nós alavancamos uma frente, aí, até que destacaria como aliado e não como militante (incompreensível)...MDB autêntico, nós pedimos a presença em Minas...da dimensão política estadual que naquele momento teria sido uma grande dificuldade e ameaça de prisão para quase toda a direção municipal teve que sair daqui. Daí nós fizemos vários remanejamentos em que eu fiquei sendo o primeiro secretário e hoje cheguei a ser presidente. E aí a gente reivindicava, que para dar uma cobertura a saída daquelas pessoas, que mandassem para cá uma pessoa com uma vasta experiência e com a expectativa, também, de um trabalho no campo. E na época ele foi Vice-Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. O Comitê Central o destacou a partir de '74 e naturalmente, ele vinha de dois ou de três em Três meses, para controlar o trabalho. Então como vamos citar o período, inclusive foi um processo eleitoral que teve.. aquela questão de '74, inclusive que Marcus Tito teve uma extraordinária votação, em torno de 40 a 50 mil votos, eu me lembro do seguinte: que uma das últimas conversas que ele veio, que eu calculo que foi logo depois daquela eleição e poderia ter sido início de '75, porque já estava naquele processo...é...estava no princípio de '75, eu lembro que ele foi comigo conversar com uma militante que era católica e simpatizante do partido, que se chamava Remédios, ela hoje é vereadora em Botucatu, o marido dela era um tecelão, companheiro da gente e tínhamos uma intimidade e a gente foi fazer uma visita a ela que era de despedida e havia uma expectativa, que ele deveria ir e encerrar a carreira dele porque a gente achava que ele estava muito "queimado". Queimado era o termo quando a gente estava muito vigiado, aparecia na FETAEMG....a gente estava com algum susto dele continuar. Então o Nestor estava que como fazendo uma despedida e eu ,e lembro que lá no bairro, saiu eu, Zé do Carmo, que era outro dirigente, do secretário, esse Zé do Carmo era um excelente fotógrafo, ele morreu e ele está entre

essas pessoas que foram presas também , né. Então, Zé do Carmo tinha um carrinho, nos levou e no caminho, antes de chegar na casa da Remédios, ele brincando falou, meu nome de guerra era “Olavo” , ele falou: Olavo, o balanço geral desse processo eleitoral vai ser curioso, porque nós apostamos ficha no lado crítico do MDB e se nós não conseguirmos fazer a maioria, com 8 ou 10 deputados nessa aliança nacional nós vamos tomar pau porque estamos fracos, se passar de 10 nós vamos apanhar porque estamos ficando muito fortes...ele ironizou isso, né. Então após um cafézinho lá, isso foi coisa de manhã, oito horas, por aí, ele falou, olha eu tenho que estar em torno de 10 e trinta, na rodoviária. E aí nós tomamos um café e saímos e viemos ali, por onde hoje é a Av. Catalão (Belo Horizonte) e chegamos onde era a Mesbla (Av. do Contorno), subimos ali na Rua Tupinambás, onde antigamente tinha a Casa Falci, era esquina de Av, Olegário Maciel...era uma das tarefas nossas...o Nestor Veras tinha o apelido de Wilson, o nome de guerra dele era Wilson, nesse período ele era membro do Comitê Central e tudo... era , assim, muito querido, inclusive o padre do Carlos Prates (bairro)Caio Prado tinha por ele muita admiração e naquele livro do Caio Prado vai escrever sobre o processo industrial Brasileiro, ele trabalha muito essa questão do Feudalismo, ouvindo muito gente como o Nestor e havia já uma relação mais ou menos capitalista no campo e muitas vezes enxergávamos isso como um esquema feudal e ele fala isso e muitos dos elementos em que Caio se baseou e dá para ver a importância do Nestor e o Moisés Vinhosa (inaudível o segundo nome) esse já era outra (inaudível) . Então o Nestor...a gente não se divide até a estação (rodoviária) o Zé do Carmo ficou na rua Rio Grande do Sul, el e tinha outra coisa...eu subi com o Nestor até essa esquina e ele falou: Olha, eu tenho uma passagem aqui e etc, e um abraço, talvez a gente não volte aqui, mas é provável que vai ter uma reunião...lá pra '76...no princípio, vai ter uma geral, que vai discutir coisa de sindicato e você é dos caras que não pode faltar... a gente vai se ver. E foi aí que a gente se despediu dele, devia ser assim, umas quinze para as dez. Foi esse o roteiro que a gente fez e ele seguiu. E eu só fiquei sabendo, assim, é... passado uns três a quatro dias, o Zé Carlos Alexandre, jornalista, sempre escreveu nas entrelinhas, muito difícil , lá no Estado de Minas...ele conseguiu botar um... e eu não achei isso no jornal , porque teve gente procurando a partir de setembro e o ideal era procura de novembro...do fim das eleições de '74 de novembro até '75, fica um ano procurando na...nos arquivos e lá fala exatamente o dia em uma noticiuzinha pequena... fala que o senhor mais idoso estava na frente de uma banca de revista que tinha alí, perto da Casa Falci e de repente passou um carro chapa branca e puxou ele pra dentro e jogou ele dentro do carro. E foi a última

notícia que a gente teve do Nestor Vera. E mais tarde e isso já foi no início de...a partir do fim do ano de '75 a gente teve...recolheram todas as possibilidades de...que a gente tinha de...tipo assim, sabia que ele estava preso..que tinha sido preso e desaparecido...e nós passamos a mudar de lugar e passou a chegar pra mim, cartas ameaçadoras...uma delas do Comando de Caça aos Comunistas, falando que aquele fim de ano eles iam eliminar gente como eu. Então a questão do desaparecimento do Nestor Veras se deu nesse período, quando a gente foi preso, muito das informações que eles tentavam pegar, mas não deixavam a gente saber, sabia que ele tinha passado naquele corredor da morte, em que eu passei depois, mas ele nunca deu muito detalhe, né. Então, concretamente, nós ficamos tendo ele como desaparecido, parece-me que como cerca de 20, 25 ligados a direção do PC, sem considerar o resto que foi...(inaudível).

**INTERLOCUTOR:** Deixa eu te perguntar, O Paulo Elisiário não estava com vocês nesse momento, não? Ele tinha encontrado com o Nestor Veras nesse dia?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não. O Paulo Elisiário, nesse dia... quem tinha encontrado com o Nestor naquele dia , mais ou menos próximo, porque o Comitê Estadual...o mais próximo do Secretariado estadual, era o Alípio Gomes, eu, Zé do Carmo...tinha mais um outro rapaz...eu não me lembro...então concretamente o Paulo Elisiário tinha sido licenciado do partido há mais de um ano. Ele tinha pedido um afastamento, ele estava morando em Sabará. Ele estava trabalhando dentro de uma...ele estava fazendo, tipo de autônomo, de registro e tudo, então ele tinha pedido um afastamento.

**INTERLOCUTOR:** Então, na verdade. Quem estava com você era o Zé do Carmo.

**JOSÉ FRANCISCO:** É. Era o Zé do Carmo. Depois ele morreu...ele nem foi condenado...no processo ele foi absolvido. Mas ele...dos que estão vivos...O Alípio teve também com ele, assim um pouco antes dele morrer. Porque nessa última reunião...

**INTERLOCUTOR:** Interrompendo: Teve com o Zé do Carmo? Com o Nestor?

**JOSÉ FRANCISCO:** Com o Nestor, ele teve com o Nestor...no dia que ele dava testemunho, ele e a mulher dele... o Nestor passou para ele , ele era da Voz Operária, era ali no Parque Municipal..e eles estavam muito desconfiados e que eles levaram pra casa deles em Ipatinga (a Voz Operária). Entã, concretamente, apareceu no nosso processo, levado em conta o seguinte: eu me lembro que eles tinham uma coisa para saber...nós conseguimos botar pra fora, três dos importantes dirigentes que estavam aí, aqui, clandestinos e que tinham vindo do Comitê Central, que tavam meio manjados e então eles caíram fora e nós não tínhamos quadro teórico de grande expressão e o Paulo era de grande expressão...já tinha feito curso de quadro na União Soviética e eles vieram

e nos deram um staff naquele momento, que era necessário naquele momento, para a própria repressão...porque eu era um operário e me lembro que alguém, com uma bengalinha, que eu suponho, ser o General Bandeira, apareceu uma vez, encapuzado, mas a gente observa...um (inaudível) com uma bengalinha...”Esse que é o Brejnev de Minas!...um simples operário, semi-analfabeto?!”, (inaudível)

**INTERLOCUTOR:** Interrompendo: É Porque nós pegamos seu nome e o nome do Paulo Eisiário, como aqueles dois que tivessem ido com ele (Nestor Veras) até a Av.Olegário Maciel, com rua Tupinambás e não era. Era você e Zé do Carmo.

**JOSÉ FRANCISCO:** Isso. Zé do Carmo.

**INTERLOCUTOR:** E como é que o Zé Carlos Alexandre soube do desaparecimento dele. Quem informou para ele?

**JOSÉ FRANCISCO:** Alguém da banca de revista que ligou para o jornal...aqueles “Alô, Alô” ...tinha uma coluna “Alô, Alô”...e ligaram e depois ele conferiu com a gente, tipo assim, por contato que a gente tinha. A gente sempre manteve contato, tanto que um dos primeiros que mandou casaco para mim...uma blusa pra ajudar, que era época de frio...mês de maio, então o Zé Carlos me deu essa notícia. Mas eles receberam era de fora, assim...essa pessoa da banca de revistas, alguém que viu...esses informantes de rua, né. Nem a gente conseguiu chegar a esse informante, como gente. Nós tentamos chegar pra ver se era algum filiado...mas era um simpatizante que viu aquela situação e denunciou como sequestro, etc...

**INTERLOCUTOR:** Interrompendo: Ligou direto pro jornal...que era o Diário de Minas? Não?...Estado de Minas.

**JOSÉ FRANCISCO:** É. Estado de Minas.

**INTERLOCUTOR:** Outra coisa, tem registros de que foi o Luís Carlos Prestes que fez a denúncia no nível do Brasil inteiro, e por isso o Nestor Veras consta naquele anexo lá da lei de '95, dos mortos e desaparecidos. Você tem idéia de como isso foi parar nos ouvidos do Prestes, qual foi o canal que chegou essa informação...

**JOSÉ FRANCISCO:** Alguém do exterior...porque na verdade, em '73 esse episódio chegou a nós...em '75...em 73 estava estabelecendo um cerco ao Comitê Central em que começou a cair o Jornal Voz Operária...cercaram...a turma estava...e chegou a conclusão que parte do Comitê Central iria pra Europa. E foi o que aconteceu...aí ficou. Saiu Hécules Correia, que era naquele momento uma pessoa muito importante, ligado ao Prestes inclusive de segurança, Ficou o Marco Antônio que era o secretário geral, e ele é de Minas.Era nosso contato, do Nestor Veras, ele era o principal dirigente nacional e

recebíamos essas informações. Então, as notícias que saíam, que a gente conseguia arrumar, com mais ou menos dificuldade, chegar ao Comitê Central e com a mesmas dificuldades que tinham chegado na Europa. E também recebíamos material de lá prá cá. Aí essa questão da...o Prestes tinha essas informações, mas era importante...tudo chegava a ele. Na União Soviética, como chegava ao Bamberga, que tava na Alemanha e chegava a outros que estavam em outros lugares... O partido concentrou, os principais quadros estavam no União Soviética, na Alemanha e alguns na Tchecoslováquia...Armando Ziller na Tchecoslováquia...então o Comitê Central estava precariamente funcionando no exterior.

**INTERLOCUTOR:** Quem você acha, que está vivo hoje, que teria maiores informações ou uma documentação sobre a vida do Nestor Veras no partido, onde nós poderíamos conseguir maiores informações?

**JOSÉ FRANCISCO:** Olha...não está sendo fácil. Nós mesmos estabelecemos , o Comitê Central estabeleceu uma comissão, teve uma conversa com doutor Abraão, reinvidicou, pediu uma indenização através de um processo e colocou assim essas dificuldades ...criou-se uma condição interna para levantar isso. Agora tem...por exemplo, quando aconteceu esse fato, com o tempo chegou um telefonema e um sobrinho dele...me parece aí, do Amazonas...

**INTERLOCUTOR:** Interrompido: Do Mato Grosso

**JOSÉ FRANCISCO:** Confirmando: Do Mato Grosso! Ele ligou pra cá, fez alguns contatos com a gente e deu as informações. Por outro lado, ele passou uma vida clandestina, tão pesada e difícil que teve problema familiar...eu tinha problema familiar! Separava, da mulher...essa é a terceira! '75 era um ano terrível e a pessoas...ele por exemplo teve uma dedicação muito grande...e teve de fato o problema das filhas não trem aceitado e essas coisas. O rapaz sim. Agora por exemplo esse José Carlos Alexandre informou que ia ter um Encontro Nacional de Dirigentes Sindicais, seriam vários setores querendo levantar dirigentes sindicais que ficaram nesse processo de desaparecimento e aí o Zé Carlos, ele é muito bom, e tem o Blog dele..tem informação de todo jeito, né... ele então, entra em contato com esse sobrinho para sugerir que ele vá nesse encontro e ia ter até voz. Ele se pôs à disposição se conseguíssemos fazerem um ato, uma homenagem...ele ia ter que se deslocar pra vir, mas não garantia trazer os outros. Ele tem um pouco mais de informação e chegou a falar da vida do Nestor. Eu tenho a impressão que esse menino pode ter detalhes maiores. Esse é o fio da meada.

**INTERLOCUTOR:** Nós vamos procura-lo. Então é isso? Sobre o Nestor Veras...

**JOSÉ FRANCISCO:** Me parece não termos mais nada a não ser esse dado que a gente já colocou...me parece que todos nós da frente de luta pelos direitos humanos cometemos assim uma “série de cochilos” porque o cavalo passou muito tardinho com aquele elemento do DOPS...denunciando aquele ali, onde nós podíamos ter aprofundado radicalmente, ter tomado posição mais rápido e ter uma posição de denúncia formal.

**INTERLOCUTOR:** Você está falando de quem?

**JOSÉ FRANCISCO:** Quando surgiu aquele cidadão do DOPS, que escreveu um livro...

**INTERLOCUTOR:** Interrompendo: Falando que matou Netor Veras...Cláudio Guerra

**JOSÉ FRANCISCO:** Cláudio Guerra! Era um elemento concreto! Tivemos uma parlamentar que não vou citar o nome e um grupo de partidos aí, revolucionários, que tivemos um embate. Está na hora...não é o caso de perseguir...mas é o que tem atrás disso que é o leão em que pode se chegar a outros companheiros, mas aí o pessoal não apóia, não acredita nessa possibilidade...ir no Aécio Neves, cobrar dele! Exigir, na medida do possível chamar o setor militar. Foi uma lástima não termos tido apoio suficiente naquele momento...e o pessoal do Rio pegou o caso do Deputado Rubens Paiva, pegou no fio da meada e chegou lá! Essa força, nós não tivemos competência de fazer. Essa é nossa autocrítica que a gente tem que fazer, a gente que sobreviveu...de não ter tido essa capacidade.

**INTERLOCUTOR:** Quem sabe nós não vamos conseguir agora...Sobre o Nestor Veras, você tem notícias sobre a vida dele, sobre a cassação que ele teve em torno de '64, a condenação dele pela Lei de Segurança Nacional?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não...completamente eu não tenho não, a gente sabe dele como a gente sabe do próprio sindicato, cassação...Lindolfo que era o presidente, militou no partido durante períodos, depois na clandestinidade...Lindolfo era o presidente e ele o vice-presidente...da Contag, né.

**INTERLOCUTOR:** então ele foi cassado por ser líder sindical?...

**JOSÉ FRANCISCO:** Por ser líder sindical.

**INTERLOCUTOR:** Como dirigente sindical?.

**JOSÉ FRANCISCO:** Foi cassado como dirigente sindical. Essa segunda etapa agora, que seria como Dirigente Comunista, né?

**INTERLOCUTOR:** Muito Obrigada!

**HELENA:** 17 de setembro de 2014, Francisco Neres, depoimento aqui sobre as agruras né, que passou como militante do PCB, e sobre a trajetória de prisão. Solicitamos

que ao falar, o senhor mencione os nomes das pessoas, que estiverem envolvidas nisso, e o local onde aconteceu, aconteceu o fato de violação dos direitos humanos.

**JOSÉ FRANCISCO:** Sim, sim, é, no meu caso concreto, eu fui, eu senti que eu estava sendo...num determinado dia, e eu morava em um lugar que já tinha umas 5 casas no bairro que eu já tinha morado, mas nesse último eu estava lá no Barro Preto, em uma casinha lá alugada, que eu ficava escapulindo mesmo, tinha acontecido esse episódio com o Nestor.

**INTERLOCUTOR:** Em Belo Horizonte?

**JOSÉ FRANCISCO:** Em Belo Horizonte, nós tínhamos chegado à conclusão que não devia se reunir porque a gente não sabia como é que estava a coisa o no lugar que a gente morava. Tinha o João de Deus Roscoe, nesse material que está aí, eles tentaram fazer com que ele também falasse, e ele teve uma estratégia que ele foi no exército, e ele também tem curso de (inaudível), e ele falou: eu estou recebendo ameaça e, etc, então a polícia não o pegou, mas ficou de olho nele, seguiu ele o tempo todo. Então concretamente, chegou um certo momento que estavam, que eles já foram cercando algumas pessoas, certamente (trecho incompreensível), e os mais distantes estavam, tinham demorado a descobrir, José do Carmo e (Inaudível) eles demoraram a distribuir...e eu morei um período em Lagoa Santa que eles chegaram lá depois, invadiram a casa, não me acharam, esse tempo mais...na Concórdia (bairro) eles cercavam, cercavam, mas não me pegavam mais. Então desta vez eu estava na Barbacena (avenida em BH), Augusto de Lima (avenida em BH) perto do posto, e eu observei, eu era muito arisco...eu tinha uma barba assim... que tinha umas pessoas olhando atentamente, aí eu corri e peguei um taxi, eu e a ex-mulher tinha (a gente tinha feito um pacto, se a gente caísse na rua, tava sumido) ia sumir, e a gente já tinha tido informações que preferencialmente eles matariam todos os dirigentes de organização, não basta ser do partido não, essas pessoas que tem essa característica de organizador, mais paciente né, essa coisa toda, era o fio da meada pra eles matarem [sic], era o caso do (nome inaudível) era ditador e se transformou em um organizador interno, então eu pego e falo como cidadão que eu preciso ir lá para o Instituto Agrônômico (bairro em BH) São Gerônimo a rua que eu morava lá. A minha família morava em na rua de cima, então eu falei com o Tarso(?): “Olha, passei ali no banco pra retirar um dinheiro, eu trabalho para uma firma estou achando que tem uns ladrões de olho, você podia acelerar”. Então ele conseguiu acelerar e me deixou em casa, e não passou uns 40 minutos, dizem que a casa foi cercada por 3, 4 carros e cercou, e invadiu e prendeu, mas perguntaram e a ex-

mulher correu, e avisou o doutor Magela, advogado, e tanto o DCE anunciou que o ex-operário, tecelão o, tinha sido sequestrado, e isso tudo deu notícia e a Folha de São Paulo acabou denunciando. Tem um cidadão que agora eu perdi o nome, e agora é diretor do, da Rede Minas, esse cara era da Folha de São Paulo e ele denunciou a morte do Herzog, ele, eles tinham denunciados, e apareceu um cara Marcus Tito e fez um discurso na câmara, depois que recebeu essas notícias, e eles falaram num pau de Arara que eu já (trecho incompreensível), “seu desgraçado, você deixou um esquema de denúncia né, seu desgraçado, deu porrada, mas disse.

**INTERLOCUTOR** : E aí você foi levado pra onde?

**JOSÉ FRANCISCO**: Olha, eu estive.

**INTERLOCUTOR**: No primeiro momento.

**JOSÉ FRANCISCO**: No primeiro momento, é, a gente supõe numa área, a gente supõe, conversando com outros companheiros que, do Zé do Carmo, que foi próximo da Mannesmann que tinha um aparelho, provavelmente na Polícia Federal lá na Raja Gabaglia (avenida em BH), depois eles mandaram pra um lugar que teria sido por ali, tem um outro lugar que parece que seria próximo dessa BR aí, essa da morte aí, (provavelmente a 381) a, essa.

**INTERLOCUTOR**: Saindo pra Caeté?

**JOSÉ FRANCISCO**: Não, eu digo essa que passa.

**INTERLOCUTOR**: (trecho incompreensível).

**JOSÉ FRANCISCO**: Em?

**INTERLOCUTOR**: (trecho incompreensível).

**JOSÉ FRANCISCO**: Não, essa via expressa, via expressa, o que me parece que era. Dali, eu devo ter ficado.

**INTERLOCUTOR**: Lá você apanhou?

**JOSÉ FRANCISCO**: É. Dia 20 de Maio de 76, aqui eles começaram a bater....bateu, bateu, mais de uns 3 dias, saía de um lugar, batia em outro, ameaçava, depois eles falavam vamos mandar ele pro inferno. E aí eles importaram um avião, eles me botavam um dia num de carro, que eu supus que era Lagoa Santa, e me botaram em um avião pequeno, e eu, aí eu cheguei lá eu , senti ordem militar os comando, e mais tarde eu fiquei supondo que era o DOI / CODI que lá tinha todo aparelho, geladeira, cobertor de tortura. Então isso eu devo ter ficado, é, no que eu estava lá, depois eu via as pessoas falando que chegou Paulo Elisiário, que chegou Evaristo Garcia, que chegou o Alaor, esse que morreu agora, esse que morreu recentemente, que chegou um rapaz (trecho

incompreensível) deputado, aquele deputado que era um dos que ajudava a frente comunista universitária. Viana é da família Viana, ele depois foi pra Arena, depois desse processo, do que aconteceu ele mudou de partido.

**INTERLOCUTOR:** E ele foi cassado, um dos que foi cassado?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não, ele foi só preso, e depois desse ser preso, ele deve ter se arrependido e ele se tornou um elemento da Arena e até pouco tempo ele foi e continuou como Deputado da arena. É, ficou realmente feliz com isso, evidentemente né, mas, a gente saiu de avião pra esse lugar, então ele pode, eu tenho a impressão que ia ficar 13 dias em preso, entre ser preso e sair pro DOI / CODI. Os advogados tinham entrado com mandatos de segurança, de passado a época, de apresentar a gente, acho que era 8 ou 10 dias já passaram de 15, e aí foi que eles trouxeram para um lugar que eu também imagino que seja nessa região entre a via expressa, que eu ainda fiquei sendo tratado, que a gente tava muito arrebatado, passaram um acertos, porque tinha chegado a polícia federal , que é ali na praça.

**INTERLOCUTOR:** Raul Soares?

**JOSÉ FRANCISCO:** Em? aquela redonda, ali...

**INTERLOCUTOR:** Raul Soares.

**JOSÉ FRANCISCO:** Raul Soares, ali na esquina. Então, é, a gente ficou ali, ali eu vi, eles botaram a gente pra ver televisão na véspera, que disse que ia haver uma notícia que ia agradar, que era um companheiro nosso se arrependendo, fazendo isso tentando desmoralizar, se a gente se arrependesse ainda tava em tempo... Ganharia uma casa, ganharia um carro, aquelas palhaçadas de sempre, então concretamente, passado assim possivelmente umas, 1 dia, 2, que eu tava sem alimentar, a gente comia um café...uma coisa... de fome mesmo...magro, esquecido... Aí eles deram uns alimentos aí tentaram botar a gente na legalidade, aí que a gente chegou na polícia militar. Então na polícia militar, na polícia federal, que era nesse lugar , lá perto do conjunto JK. E curiosamente, naquele primeiro momento até os polícia federal tampava a cara pra não ver a gente...de medo, assustado né, havia, tampando a cara com medo de olhar pra a cara da gente...devíamos ser um tremendo terrorista né. Então a gente ficou lá um bom tempo ali, mais ou menos ali na, a polícia federal tentou acertar um depoimento mais formal né, com certeza baseado em outro clandestino, que vinha do pau de arara, e um depoimento mais ou menos formal pra mandar para.

**INTERLOCUTOR:** Pro inquérito.

**JOSÉ FRANCISCO:** Pro inquérito. E dali eles transferiram, né. Eu fiquei entre ali, fim, princípio de junho até quase agosto, entre Santa Tereza, que era um militar que teve lá de frente a praça, ali tinha uns 2 ou 3 quartéis, em que eles colocavam presos, e eu fiquei lá nesse período recuperando, e só a partir de agosto, incincho de agosto de 76 que eu fui transferido pra Juiz de Fora.

**INTERLOCUTOR:** Você ficou preso até quando?

**JOSÉ FRANCISCO:** Até 79.

**INTERLOCUTOR:** Até a anistia.

**JOSÉ FRANCISCO:** É, na verdade eu fui indiciado com dois meses, era 3 anos que a gente pegou e fiquei 2 anos e 10 meses, e curiosamente a maioria dos presos, inclusive (nome incompreensível) que hoje é da comissão nacional, ele ficou danado que eu e Paulo fizemos uma discussão, nós sempre discutia o processo de anistia, e nós dois ficamos encarregados de ser os relatores pra discutir com (nome incompreensível), o Amorim e aquela turma toda. Nós apresentamos os seguintes dados Olha, não é ampla geral e irrestrita que vai pôr pra fora, um primeiro momento, 70% dos presos, inclusive vocês. E aí eles ficaram tão aborrecidos que perderam a bandeira e pediram transferência lá pra Frei Caneca. Antes, ele foi lá pra Frei Caneca aí (trecho incompreensível). E quando eu encontro ele, eu morro de rir, que nós ficamos discutindo coisa curiosa que (trecho incompreensível), eu falo dois e meio, saiu primeiro, eu era três, e saiu primeiro que eu.

**INTERLOCUTOR:** Você não lembra desse período o nome de nenhum agente do estado?

**JOSÉ FRANCISCO:** (trecho incompreensível), doutor Romário era o delegado oficial da delegada polícia federal, doutor Romário, esse que era mandava.

**INTERLOCUTOR:** E lá no quartel em Santa Tereza, o senhor ficou lá um tempo?

**JOSÉ FRANCISCO:** Também não me lembro de agente .E lá a gente ficava mais...recebia mais visita...ali não tinha...não guardamos assim, de nome , não.

**INTERLOCUTOR:** Além de você, quem foi lá pro quartel de Santa Tereza?

**JOSÉ FRANCISCO:** Naquele período foi só eu, que o Paulo, deixa eu ver, se eu não me engano Paulo ficou num aqui no Prado (Bairro de BH), que tinha um no Prado também.

**JOSÉ FRANCISCO:** É, então no período em torno de, a gente se lembra, além do Alípio que a gente falou, Alípio foi, participou do processo, foi preso alguns momentos e trabalhava na...ele e a mulher trabalhava na TELEMIG, foram dispensados no processo, cara que parece que tinha certa estabilidade, não sei como, até que nós fomos

julgados mais ou menos em setembro de 77, por aí, setembro, 77, 78, eu não lembro bem a data. O fato é que os 18, 18 não, 19, dados no processo, vários deles tinha 19 pessoas foram condenadas, Paulo Elisiário dois anos e meio, foi Furrou (?) casado com a Gersica, e trabalhavam nesse setor também., ela trabalha nessa área aí de direitos humanos também, municipal. Já o, eu esqueci o primeiro nome dele, ele é de origem Francesa, ele também tomou uma pena de 1 ano e 6 meses, 2 anos o Paulo, 2 e meio, e eu 3.

**INTERLOCUTOR:** Aqui de Belo Horizonte foram esses?

**JOSÉ FRANCISCO:** Foi, foram esses. Os demais foram absolvidos.

**INTERLOCUTOR:** O Alípio não foi condenado?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não, não foi condenado, tinha ele, tinha mais os outros 16 né.

**INTERLOCUTOR (Thelma Shimomura):** Todos os lugares que você passou teve tortura? Aqui em Belo Horizonte?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não, na verdade no primeiro momento teve, como eu falei, começou te batendo de toalha molhada, pra poder não aparecer, começou a bater de leve e foi indo pesado que foi o que eu sofri lá perto...na, polícia federal e ali na, no setor da , que eu falei, rodoviária (Conjunto JK). Agora lá foi pesado, aí eles apelaram para mandar pra fora, mas todas, nesse primeiro momento tortura, agora o que eles chamavam que era o inferno lá era realmente pesadíssimo.

**INTERLOCUTOR:** Esse. Vocês voltaram de avião também, vocês foram levados pra um lugar lá e depois voltaram de avião?

**JOSÉ FRANCISCO:** E pela distância , um calculado de tempo aí...uns 40 minutos, 1 hora por aí, a gente ficou lá e as outras.

**INTERLOCUTOR:** Mas você acha que foram no DOI / CODI de São Paulo?

**JOSÉ FRANCISCO:** Sim.

**INTERLOCUTOR:** Não do Rio.

**JOSÉ FRANCISCO:** De São Paulo.

**INTERLOCUTOR:** Pelo, pelo palavreado.

**JOSÉ FRANCISCO:** Palavreado é palavreado do pessoal.

**INTERLOCUTOR (Thelma Shimomura):** Em Linhares teve...em Juiz de Fora teve tortura?

**JOSÉ FRANCISCO:** Não, não teve no nosso caso, no caso de anos anteriores, na verdade eu tenho, volto com boa parte dos arquivos de lá, que eu fui o último, aprendi as malandragens de esconder, e eu, tem alguma coisa que vem, desde o Caparaó. Não tem muitos laudos, mas algumas brigas, algumas queixas, coisa assim. Parece que ali

havia momento que eles entravam na briga e faziam espancamento. Mas isso assim depois dos anos 70 não tinha não, lá era mais porque era castigo, e outras formas de pressão né.

**INTERLOCUTOR:** Bom, disse que às vezes também tiravam de lá pra levar pra...

**JOSÉ FRANCISCO:** Ah sim, teve gente sequestrada, e na verdade eu tinha falado aqui antes, que no caso do Paulo Elisiário ele teve uma, faltando aí de a gente ter sido julgado, tiveram lá 3 agentes, e a turma de presos comum tem muita confraternização com a gente e disse: "Ó tem um monte de caras esquisitos aí"...chegou prá nós lá na galeria...O diretor tinha umas, era descendente de Alemão, andava com uma bengalinha assim, mas numera boa coisa... um tal de (incompreensível).

**INTERLOCUTOR:** Lá de Linhares você lembra quem era o comandante da?

**JOSÉ FRANCISCO:** (trecho incompreensível), de origem alemã.

**INTERLOCUTOR:** Como é que chama?

**JOSÉ FRANCISCO:** É Valderlai.

**INTERLOCUTOR:** Valder?

**JOSÉ FRANCISCO:** Valderlai, é, não lembro todo o nome dele, mas era Valderlai, era de origem alemã, gostava muito de uma bengalinha lá e. E eles então permitiram que esses 3 entrevistassem a gente, então chegou a ordem da gente descer, eu, o Paulo Elisiário. Aí nós falamos "Nós não temos visita não", Não! era ordem, era ordem de descer, aí a gente desceu os companheiros olha...se tiver alguma coisa eles podem levar vocês....sequestrar vocês de novo, Mas no fundo não, deu uma bronca com o Paulo, deu uma bronca comigo, que nosso depoimento foi fictício, Não tinha nada ali, que eles perderam um grande tempo e se não fizessemos outro depoimento eles iam dar em cima da gente...que se a gente saísse podia dar como certo que eles iam passar com um carro em cima da gente.... então ele fez ameaça, nós acabamos...não topamos... se vocês quiserem chama de novo lá em audiência pública, advogado, que já vai ser melhor, que a gente já tinha aprendido as malandragens né, que quando a gente, nesse caso era novato, a gente não sabia nada de lei de segurança nacional, não era bom em autodefesa né, com o tempo se vai aprendendo né. Mas aí teve, no nosso caso teve essa ameaça que é um negócio estranho né, mas em Linhares não tortura assim direto não.

**INTERLOCUTOR:** Mais alguma coisa?

**JOSÉ FRANCISCO:** Acho que é só né.

**INTERLOCUTOR:** Está.

**JOSÉ FRANCISCO:** O nome dele consta aqui, (Trecho incompreensível) redação de construir o que passou, na época tal e tal, você olha uma ata...

**INTERLOCUTOR:** Mas sobre a morte dele, o senhor não tem informação?

**JOSÉ:** Não tenho, não...

**INTERLOCUTOR:** E sobre as pessoas da guerrilha do Caparaó, que foram para, que passaram em Linhares, você tem alguma informação?

**JOSÉ:** Não tenho. Assim eu posso olhar a ata, (Trecho incompreensível)...

**INTERLOCUTOR:** Deve ter alguma coisa lá.

**JOSÉ:** De Linhares. Que é tanta coisa que as vezes a gente tem, nem liga, agora em geral tem nome em algumas cartas, algumas cartas que as pessoas escreveram e era assim sobre a (Trecho incompreensível)...

**INTERLOCUTOR:** Então eu vou ficar freguesa do seis [*sic*].

**JOSÉ:** Pois é, eu tenho...

**INTERLOCUTOR:** (Trecho incompreensível).

**INTERLOCUTOR:** É.

**INTERLOCUTOR:** Todas as vezes que vocês vierem do centro, eu vou passar aqui trazer alguma coisa, pegar...